

Minas Gerais

Marli: uma agricultora que alimenta a família com seu agroecossistema



“Quando vou à feira, compro poucas coisas, porque muita coisa vem daqui, da minha propriedade”.

Essa é a realidade de Marli Batista Gomes, 38 anos, uma agricultora agroecológica, desde quando começou a trabalhar no campo. Ela vive na comunidade Santo Antônio de Vando, zona rural do município de Caraí (MG).

Marli se destaca por garantir o sustento de sua família com uma produção limpa e diversa, sem agredir o meio ambiente. Ao lado do esposo, Aguinaldo Nunes Lopes, de 48 anos, ela faz o cultivo de alimentos, principal fonte de renda da família junto ao benefício do Bolsa Família.

Na propriedade de 32 hectares são cultivados: milho, amendoim, urucum, café, mandioca e frutíferas, garantindo boa parte da alimentação e do sustento da casa. Ela possui também pequenos animais, como galinhas. O agroecossistema de Marli representa segurança alimentar, nutricional e sustentabilidade.

Apesar da sua capacidade produtiva, a agricultura enfrenta desafios para comercializar seus produtos. Ela já participou do Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), mas precisou interromper o fornecimento. *“Se eu tivesse transporte, não pararia de entregar para o PAA, pois é uma renda garantida. Todas as vezes que eu entregava os produtos tinha o dinheiro certinho”*, relata.

A rotina de trabalho se intensifica em períodos em que o marido precisa se ausentar para trabalhar na colheita de café em outros estados, permanecendo fora por cerca de dois meses. O casal tem dois filhos que ainda moram com a família e ajudam a mãe quando o pai viaja: Werlei Batista Nunes, de 21 anos, que sonha em cursar engenharia, e Tamires Batista Nunes, de 15 anos, estudante do 9º ano do ensino fundamental. Ambos demonstram vínculo com o agroecossistema familiar, porém não pretendem permanecer no campo.

Água que transforma a vida - Marli afirma que sua relação com a agricultura vem desde a infância, quando aprendeu a trabalhar na terra com o pai. Atualmente, conta com o apoio de tecnologias sociais para fortalecer a produção, como a cisterna calçadão, construída com apoio da Cáritas Diocesana de Araçuaí e da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), que melhorou o acesso à água na propriedade. Antes, com o acesso limitado, a produção de alimentos ficava restrita, principalmente dependendo das chuvas. Isso dificultava manter uma horta, criar pequenos animais ou diversificar a alimentação.



Com a cisterna de segunda água, a família passou a ter mais segurança hídrica, o que permite produzir alimentos o ano inteiro (mesmo em períodos secos) e criar pequenos animais. Entre os impactos dessa produção estão a diversificação da alimentação, a redução de gastos com compra de alimentos e a geração de renda com o excedente da produção. Com água, a propriedade se transforma em um ambiente resiliente e autossustentável. “*Antes era bem mais complicado, a gente plantava e era mesmo Deus quando mandava a chuva, agora graças a Deus temos água*”, aponta Marli.

Além disso, a agricultora também foi beneficiada pela política pública de Fomento Rural, que disponibiliza recursos com autonomia para a beneficiária decidir onde investir. “*Com esse recurso, comprei mais uma caixa de polietileno para tirar a goma da mandioca, fiz ainda uma cerca de arame liso de 50 metros, consertei o motor e comprei 21 galinhas. Com os ovos das galinhas faço merenda para a família*”, explica.

Mesmo diante das dificuldades, Marli reforça a importância do trabalho no campo. “*O produtor rural é quem coloca a comida na mesa das famílias*”, destaca.